

da vida alude à Maria, a segunda Eva, a que permaneceu incontaminada pelo pecado original. Apesar de estarmos tão distantes do significado exato de cada figura, podemos apreciar esta obra em toda a sua beleza, como uma parte do Velho Testamento transformada numa imagem soberba pelas mãos de um gênio.

DURANTE OS ANOS de 1512 a 1514, Dürer criou três das mais belas gravuras existentes: *O Cavaleiro, a Morte e o Diabo*, *Melancolia* e *São Jerônimo em seu estúdio*. Estas imagens apresentam tamanhos aproximados de 24,5 x 19,1 cm, formando uma série. A extensa e completa bibliografia sobre essa iconografia enigmática trabalha com minúcia os detalhes alusivos e herméticos. Aos três grandes buris são atribuídos significados típicos da herança hermético-cabalistica medieval que percorreu a Alemanha, mesmo durante o período de apogeu do Renascimento. Segundo a tradição medieval, as idades do homem podiam ser associadas aos signos do zodíaco e eram marcadas pela influência das planetas. Esta tradição passou ao Renascimento e foi revestida por nova simbologia, chegando ao temperamento humano e dividindo-o em quatro tipos: fleumático, sanguíneo, colérico e melancólico. Supunha-se que o corpo físico e mental do ser humano sofria influência dos quatro elementos (fogo, ar, madeira, metal), dos quatro pontos cardeais (norte, sul, leste e oeste), das quatro estações do ano, e assim por diante.

É INCONTESTÁVEL que Dürer pretendia atingir o máximo apuro técnico e nisso foi extremamente bem-sucedido. Nesta série de buris encontramos uma profunda riqueza imagética, que emerge da concepção clássica. Os primeiros buris de Dürer mostram alguns dos exemplos de capacidade expressiva e técnica que se solta passo a passo. Aos temas profanos e retratos sucedem-se os temas mitológicos e alegorias, que vão se alternando numa torrente de imagens carregadas de mensagens acentuando sempre os valores morais, a justiça, a sabedoria e a bondade. Suas imagens infundiam temor ao Juízo Final e eram respeitadas pelos fiéis do seu tempo.

ANALISAMOS A SEGUIR a gravura *O Cavaleiro, a Morte e o Diabo*, (p. 16), buril datado de 1513. A iconografia do Cavaleiro de Cristo baseou-se num esquema formal de um grupo equestre cuidadosamente estudado, acrescentando a este grupo um significado simbólico. As proporções perfeitas do cavalo, em sua vigorosa marcha equestre marcando compassadamente um ritmo, foram modeladas cuidadosamente para reforçar seus aspectos anatômicos. À figura do Cavaleiro rompante com seu aparato de guerra, armadura, espada e lança contrapõem-se as figuras grotescas da Morte e do Diabo, que não são mais do que sombras diante da força e pujança do cavalo e sua poderosa montaria.

ESTA GRAVURA está associada ao "tipo colérico"¹ presente na iconografia medieval, a qual identifica este tipo humano com uma das idades do homem: a idade madura. Há aqui, ainda, um ideal de transformação cristã: a figura imponente do Cavaleiro de Cristo, que reduz seus inimigos à categoria de meras sombras.

SOBRE *MELANCOLIA* (p. 17), buril datado de 1514, inúmeras páginas foram dedicadas ao seu estudo e sua influência durou mais de três séculos, envolvendo várias áreas do conhecimento humano, tais como a literatura, a pintura e a gravura de vários períodos subsequentes.

TRATA-SE DA FIGURA pensativa de um anjo, com aparência feminina, com a cabeça apoiada numa das mãos e sentado em meio a uma parafernália de elementos, tais como uma balança com os pratos alinhados, uma ampulheta com o tempo dividido em partes iguais e um quadrado cheio de misteriosos números que, somados, dão sempre o mesmo resultado: 34. Na tradição medieval, usava-se colocar o quadrado mágico nas paredes para fazer um efeito de barreira aos efúvios negativos de Saturno, planeta do tempo.

FERRAMENTAS DE CARPINTEIRO se espalham à volta do anjo enquanto, no céu, um morcego voa carregando a inscrição "Melancolia I" em suas asas. Ao lado direito do anjo, um *putto*² desenha com intensa compenetração sobre uma pequena tábua. A seus pés, um magro cachorro adormecido. Alguns elementos como uma esfera e um poliedro, e o compasso na mão direita do anjo, nos dão uma possibilidade de interpretação sobre sua profissão – talvez ele seja um artífice, um entalhador, já que estes símbolos estão ligados à arte da medida e da construção. A continuação desta leitura seria atribuímos ao anjo o destino de desenhar os projetos do "Grande Arquiteto", que aplica as regras matemáticas na construção do universo. A pele do rosto escurecida, o olhar enigmático e triste, a solidão e sua dedicação ao estudo nos levam a enquadrar este anjo, seguindo as regras da tradição cabalistica, como alguém do "tipo melancólico".

¹ PANOFISKY, E. *et alii*. *Saturne et la Mélancolie*. Paris, Éditions Gallimard, 1989, p. 457.

² Pequeno anjo da mitologia grega, muito encontrado nas decorações e alegorias do Renascimento.